

INDÍGENAS E CAMPONESES: UMA RELAÇÃO DE CONFLITOS

Regina Sader *

RESUMO: Esse artigo visa tecer algumas considerações sobre a imagem que ao longo do tempo foi sendo construída sobre os indígenas por certos setores da população que hoje ocupa porções do oeste do município de Imperatriz, às margens do Tocantins. Nessa área, encontrei historiadores locais, que procuraram, ao escreverem seus livros, perpetuar fatos que viveram ou escutaram dos habitantes mais antigos. Considero-os uma excelente fonte de informações na medida em que perpetuam uma história oral. Não se trata de uma história acadêmica, porquanto tais autores não têm nenhuma formação nesse nível. Na busca dos fatos, consigo o registro do que os mesmos significaram e ainda hoje significam no imaginário dessas populações camponesas ou não, no momento sob minha lente de pesquisadora.

PALAVRAS – CHAVE: Áreas, Indígenas, População, Imaginário e Município.

ABSTRACT: This article aims to make some comments about the image that over time was being built on the natives by certain sectors of the population that today occupies portions of the West of the municipality of Empress, on the shores of Tocantins. In this area, found local historians, who sought to write her books, perpetuate facts who lived or were of inhabitants older. I consider them an excellent source of information to the extent that perpetuate an oral history. This is not an academic history, because such authors have no training at this level. In search of events, with the record of what they meant and still means in the imagination of those displaced peasant or not, at the time under my lens of researcher.

KeyWords : Indigenous Population Areas,, imaginary and Municipality.

Esse artigo visa tecer algumas considerações sobre a imagem que ao longo do tempo foi sendo construída sobre os indígenas por certos setores da população que hoje ocupa porções do oeste do município de Imperatriz, às margens do Tocantins.

Nessa área, encontrei historiadores locais, que procuraram, ao

escreverem seus livros, perpetuar fatos que viveram ou escutaram dos habitantes mais antigos. Considero-os uma excelente fonte de informações na medida em que perpetuam uma história oral. Não se trata de uma história acadêmica, porquanto tais autores não têm nenhuma formação nesse nível. Na busca dos fatos, consigo o registro do que os mesmos significaram e ainda hoje significam no imaginário dessas populações camponesas ou não, no momento sob minha lente de pesquisadora. Não há possibilidade de reconstituições a partir de uma ótica positivista. Se a realidade é construída socialmente e se devo analisar o processo em que este fato ocorre (Berger e Luckmann, 1978) então, são esses a quem chamo de historiadores locais que, juntamente com os camponeses entrevistados, possibilitam que eu alcance meus objetivos.

Os dois historiadores a que tive acesso são ambos moradores da cidade de Imperatriz: Edelvira de Moraes Barros que escreveu "Eu, Imperatriz" (Moraes Barros, 1970), professora primária cujo livro foi editado pela prefeitura do município, e Cícero Mendes, cujo exemplar ainda datilografado e inédito, intitulado "Pesquisas Sertanejas" tive oportunidade de ler e gravar.

Edelvira não dá destaque à presença indígena, assinalando apenas que na época da criação da Vila que daria origem à cidade de Imperatriz em 1852, a região era habitada por índios que viviam em quatro aldeias situadas ao Sul do atual município. É um silêncio eloquente. Seu livro visa enfatizar o espírito trabalhador e pacífico de seus habitantes, desfazer, na medida do possível, qualquer reputação menos agradável que existiu.

Cícero Mendes dá mais importância aos índios em seus escritos. Figura interessante, é um ex-lavrador, antigo membro da diretoria do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Imperatriz, possuía suas terras no alto Pindaré. Na época da grande grilagem dessa área que abrangeu Imperatriz, João Lisboa, Açailândia e Santa Inês, perdeu tudo. Descendente das poucas famílias antigas que permanecem ainda na área, escreveu seu livro numa linguagem simples, quase coloquial. Este me interessou particularmente pela visão que se pode obter do que significam e significaram os índios para boa parte dos habitantes da área.

Logo nas primeiras páginas, Cícero Mendes refere-se aos indígenas

como uma das pragas que os primeiros ocupantes tiveram que enfrentar:

"(quero falar) o nome dos heróis sertanejos do século passado. que sofreram muito para nos fazer felizes, enfrentando a luta com os índios que foi muito longa e as onças, e também a febre as cobras, o reumatismo crônico. (...) E aí para chegar ao último tabuleiro, em rumo noroeste da margem esquerda do Rio Pindaré, a três léguas mais ou menos, os fazendeiros chamavam de Centro da Aldeia, pois tinha uma aldeia que eles calculavam trinta mil índios mais ou menos da tribo dos Gaviões. Estes viviam dando grande prejuízo aos fazendeiros, pois comiam todos os gados que por descuido dos donatários chegavam até lá (...)"

É evidente que o número de indígenas está exagerado, mas isso talvez seja importante para ressaltar ainda mais a grandeza dos "heróis sertanejos", cujo gado invadia a terra dos índios causando prejuízo primeiro a estes que revidavam comendo as reses. Isso significa que os "donatários" começavam o avanço inexorável sobre as terras ocupadas pelos índios.

Para o autor, que assimila os indígenas às características do quadro natural e os considera fonte de prejuízo, são heróis que reverência, aqueles que começam o extermínio e a escravidão:

"Teodorico sonhava com a função de uma cidade e de uma fazenda, e como há pouco tinha se casado, resolveu ir atacar os silvícolas. Mas como? Foi então que ele se lembrou de Passondas de Carvalho, que era muito destemido, tanto na caça aos índios, como nos trabalhos de geografia, tinha unia copiosa inteligência, dedicava-se bastante nas divisões das fazendas e suas documentações. A luta continuou pela conquista. O Brejeiro tinha sete cães afanados na caça aos índios e a luta se foi estendendo heroicamente, sendo que outros homens notáveis tomaram parte(...)"

A luta pelo espaço aparece evidente nesse universo camponês do qual faz parte Cícero. Teodorico havia se casado "há pouco" e atacou os índios porque necessitava ter terras onde criar seu gado e fazer sua roça. E fez apelo a seus amigos. Uma frase utilizada nessa passagem ilustra o problema da luta, se não a travada no século passado, pelo menos a vivida pelo próprio autor: Passondas dedicava-se às divisões de fazendas e à sua documentação. E Cícero Mendes perdeu suas terras que lhe haviam sido cedidas, conforme disse em entrevistas, pela família Milhomem, que até a abertura da Belém-Brasília fazia parte da elite dominante local. Mas por não ter documentação sobre as mesmas, perdeu-as quando começam as grandes grilagens.

Mas vejamos como nosso autor continua sua descrição sobre a luta

contra os índios:

"Em fevereiro de 1901 os índios foram convidados para ajudar no massacre do Alto Alegre; mas foi estranha a cena, pois os sel'agens desapareceram misteriosamente sem deixar nenhum vestígio. No dia 13 de março de 1901 eles reapareceram lá, onde mataram 4 padres, 7 freiras e todos os assistentes que haviam na missa. Terminada a horrorosa cena, eles não voltaram mais para o Canto da Aldeia (...) e para mostrar suas artimanhas, cortaram todos os postes da linha telegráfica que ligava a fronteira do nosso sertão com o Engenho Central, hoje Pindaré-Mirim, e que tinha sua última estação nuns lugar denominado Presídio. Este nome foi dado porque quando eles prendiam alguns índios eram trazidos até ali para certificar suas características (...)"

Não fica claro na versão do nosso autor a que massacre os índios foram convidados. Parece que vão se unir a outros para o que, no povoado do Alto Alegre, ficou conhecido regionalmente como "massacre do Alto Alegre" no município do Grajaú. A precisão de datas, o número especificado de religiosos que morreram, dá foros de verdade à sua versão, permitindo supor que mataram todos os assistentes à missa. Não tece nenhuma consideração (pois não lhe causa espécie) a função do local "denominado Presídio". Os índios podem ser mortos. Podem ser escravizados. Assimilados à natureza, devem ceder lugar à cultura. Não deixa de ser expressiva a palavra portuguesa para designar floresta: perdemos a noção de sua origem, mas mata vem de matar. E na nossa linguagem coloquial fazemos distinção entre mato, que designa uma vegetação rala, e mata, cujo sentido remete a uma vegetação de floresta. A denominação usual traz em si ordem de extermínio.

Gustavo Dodt em sua Descrição dos Rios Parnaíba e Gurupi (Dodt, 1981) faz menção também a um massacre levado a cabo por índios da região, que antes habitavam "as chapadas próximas à Vila de Imperatriz", do qual toma conhecimento quando percorre a área em 1872, vinte anos após a fundação da Vila. Contaram-lhe (Dodt não diz quem) que quando todos os homens da Aldeia Timbira estavam ausentes, sertanejos fizeram um ataque para roubar as crianças índias. Quando os guerreiros voltaram, para vingar-se, atacaram uma fazenda próxima às suas terras, matando sete pessoas. E a tribo partiu para as matas das cabeceiras do Gurupi, ao norte do atual município de Açailândia. Mas Dodt não olha com a mesma admiração os "heróis" de Cícero Mendes e alerta o governo sobre o perigo que pesa sobre as terras Timbiras "ameaçadas de uma invasão pela gente baixa do sertão de Imperatriz".

Murilo Santos, antropólogo, autor de um vídeo sobre o Alto Alegre, tem uma versão: Alto Alegre é do município de Barra do Corda, os índios são os Guajajara. Segundo um mural pintado na igreja, os índios mataram religiosos e os assistentes à missa em 1901. Nisso coincide com o relato de Cícero. O motivo do ataque é também outro: missionários haviam levado crianças índias para um colégio por eles mantidos no município, e algumas delas vieram a falecer. Os Guajajara, revoltados, fazem o ataque, que resulta em mortes. Em outra entrevista que apresento mais adiante, os acusados serão os Gaviões do grupo Timbira. E há motivos para essas várias versões, como veremos, sendo que a única documentada é a do Antropólogo citado anteriormente.

A julgar pelo relato de Cícero Mendes, os indígenas perdem definitivamente, pois ele menciona que Teodorico finalmente consegue sua fazenda, fixando-se junto com outros, bem perto da "velha Canto da Aldeia". Ele expressa bem o caráter que terá a luta contra os índios até nossos dias.

Em Viração e Frades, dois povoados maranhenses do município de Imperatriz, recolhi alguns testemunhos sobre essa luta:

" E lá a gente achou a mata influente, tudo bonito e já pé de manga grande, formando, produzindo, caindo fruta, a paca comendo, e essas coisa, então meu pai perguntou ao moço (que os levava para uma caçada) como era a situação desse lugar, se a gente podia morá. Então, o moço falou que podia, só que era um pouco perigoso, porque em 1945 morou os últimos pessoal aqui, e saíram mandado dos índios onde nesse grotão aqui que chama Machado, foi um senhor fulano de tal Machado que assituou. Este `tachado, ele saiu daqui mandado dos índio assim: eles mandaram o Machado saí, e o Machado preocupado com a criação, as galinhas, essas coisas. Eles disseram que entregavam na frecha. Aí o Machado falou que não, assim matava, eles disse que frechavam no pé, e assim fizeram. Pegaram as galinha do Machado, tudinho criação e o mandiocal que tinha, eles arrancaram também, só que as maió raiz eles ficavam, e a menor da am pro `tachado. (...) Mas eles colaboraram com nós que durante esse tempo que nós ti. emo nos Frades, eles ficaram, parece que se entedemo, e eles dividiram a lista deles, eles vinham pescá (...) nós. iamo rastro deles, mas lá nos Frades eles não iam(...)" (1)

"Uma vez quando a gente foi caçá. chegou um do povoado com a frecha entre o casco da cabeça e o cabelo, se tivesse pegado na testa tinha morrido. A gente nem soube donde veio a frecha, então a gente deu um tiro com o rifle pra cima e o caboclo correu, nem vimo ele. Isso foi há mais de três léguas daqui, lá perto do Centro do Abrãao. E aí ficamo um tempão sem caçá pra lá." (2)

Os índios, a que os entrevistados se referem, são os Gaviões que foram sendo

empurrados para o oeste pelos posseiros, com o mesmo ímpeto que estes eram expulsos de suas terras e também caminhavam em direção oeste. Na primeira entrevista logo acima, fica claro que os índios desocuparam Frades sem matanças e até ajudaram a reunir a criação e a colher a mandioca, mesmo que com certa artimanha, como diz o lavrador. Mantiveram um certo acordo com os novos moradores de Frades quando, 20 anos depois, vieram se estabelecer novas lavas de camponeses: "eles dividiram a lista deles". Mas seis anos depois, em 1961, foi fundado o povoado de Bom Jesus e os Gaviões foram novamente para oeste. Há consenso nas entrevistas feitas em locais distintos de que essa área era dos índios. Em outra entrevista, há menção explícita: "Eles vinham pra Frades, Viração e Bom Jesus, que era lugar deles". E não poderia ser de outra forma, pois:

"Quando a gente ia cavá buraco, buraco assim pra fazê a parede da casa, achava aqueles potes. Eu mesmo achei um pote deste tamanho assim (mostra os braços curvados e bem afastados do corpo). Dentro desse potão tinha outros negocinhos deste tamanhozinho, com pedacinho de osso. Tirei bem uns vinte, aqueles potão um do lado do outro. Mas quebrava logo tudo, dc ficá no sol, na chuva." (3).

Mas ninguém mas achou nenhum "potão" no antigo cemitério indígena, que fica num promotório do Tocantins lá em Frades, coberto por mangueiras, diz-se que seculares...

As entrevistas se contradizem. Enquanto um dos fundadores de Frades, Viração e Bom Jesus diz que os índios "colaboraram com nós (...) parece que se entendemo", e que depois de fundado Bom Jesus, os índios foram para o ribeirão dos Frades e "não ficaram permanente", em Frades há convicção de que os índios atacaram:

"Aqui nunca mataram gente, mas na Viração e no Saranzal frecharam um bocado de gente. Uma vez disseram que vinham invadir Frades nesses treis dias. Aí pegamo uma canoa pesada e fomo lá pra praia (nota: praia de unia ilha no meio do Tocantins) de oito a dez dias lá, esperando. Os porcos e galinhas ficaram tudo aqui. Aí vinha um (dos posseiros) devagarinho, %-ê se tinha índio aqui (...) (4)

"Essa violência dos caboclos acabou com um povoado, do Alto Alegre foi acabado pelos índios. Por isso, quando falavam qualquer coisa nós corria pra praia. Nós conhecíamos Alto Alegre, e lá acabaram com tudo. Mataram tudo. Tem gente que conheceu. Estavam assistindo a missa." (5)

Uma das características do preconceito é a imprecisão dos fatos relacionados ao grupo discriminado, fatos que no fundo buscam a justificação de ações contra esse grupo. É o rumor, tão bem analisado pelo sociólogo francês Edgar Morin no

filme intitulado "La Rumeur d'Orleans". Pelas entrevistas nota-se que os índios nunca aparecem atacando na área onde está o interlocutor, mas sempre em outra: "aqui nunca mataram gente, mas na Viração e no Saranzal "...E mesmo distante no tempo: novamente o massacre do Alto Alegre a centenas de quilômetros de distância e há quase um século. O exagero é evidente na última entrevista: "...e lá acabaram com tudo. Mataram tudo." Não são mais 4 padres, 7 freiras e todos os assistentes da missa. É toda a população.

Permito-me um ligeiro parêntese para uma breve discussão de um dos dilemas como pesquisadora: como analisar o processo em que ocorre determinado fato? Certa vez, quando fazia minha pesquisa no Bico do Papagaio, fui entrevistar um casal em sua fazenda. Eram ambos do interior de São Paulo e eram considerados "grileiros", em primeiro lugar, por terem comparado terras "griladas" e cujos ocupantes haviam sido expulsos com violência; e em segundo lugar, porque o apoio do GETAT (grupo Executivo de Terras do Araguaia Tocantins) reivindicavam uma faixa de terra ocupada por posseiros residentes no povoado vizinho que eu já conhecia. Finda a entrevista, a mulher do fazendeiro começou a queixar-se dos posseiros (ignorando minha relação com os mesmos, pois eu não havia dito nada a eles). A certa altura conta-me com lágrimas nos olhos que talvez tivesse que partir, pois sentiam-se terrivelmente ameaçados. E o casal me explica que havia poucos dias, chegara no povoado uma grande caixa contendo metralhadoras italianas (!) e que, chegado o momento, haveria um levante dos posseiros do Bico do Papagaio. Sem saber o que dizer diante do que considerei paranóia, pois o medo deles era real, fui conversar com dois rapazes que com teodolitos e guias procediam à medição de uma porção do terreno. Contaram-me terem vindo de Minas, eram agrimensores, ambos muito jovens, e queixaram-se da violência e do medo que tinham de trabalharem em sua profissão. Terminado o trabalho ali, voltariam para Minas, disseram-me.

Naquele mesmo dia, cheguei ao povoado onde passaria algum tempo. Como meu compromisso era com os posseiros, perguntei-lhes como estava a relação com o casal que eu entrevistara. Disseram-me que havia piorado, que estavam todos com medo de irem sozinhos para as roças e que faziam em grupos. É que os "grileiros" haviam contratado dois pistoleiros que haviam acabado de chegar, bem armados, para atacá-los. Inutilmente tentei convencê-los de que eram só agrimensores, que não tinham anuas mas aparelhos de "medição de terrenos".

Não me acreditaram e, encerrando a conversa, me convidaram para ver alguns "slides" sobre o Bico do Papagaio, porque há alguns dias havia chegado o projetor com um gerador, numa enorme caixa, conseguidos pelas religiosas da CPT.

Nem os agrimensores eram pistoleiros, nem a caixa de grandes proporções eram metralhadoras. A única coisa que era verdadeira era o medo. Medo fundado dos posseiros que vinham de múltiplas expulsões, ou que foram vítimas ou presenciaram violências sem número. Medo dos "grileiros" não somente porque houve deles que pagou com a vida suas barbaridades, mas porque e sobretudo, a área do Bico foi área de refúgio da chamada "guerrilha do Araguaia" onde as forças armadas atuaram, justificando a enorme violência, veiculando histórias sobre "farto material bélico de origem estrangeira" encontrado por elas.

E o medo está em toda a parte nessa região da Pré-Amazônia, como já tive oportunidade de apontar em artigo anterior (Sader, 1989). Seria talvez ele, o medo, a verdade única a que se refere Adam Schaff (1987)?

O massacre do Alto Alegre faz parte do imaginário dos homens dessa área de minha pesquisa. Se os fatos são fiéis ao sucedido é algo irrelevante. O que importa também é o medo. E os dividendos que pode render.

"Mas aí tem outro problema que a vista o índio muita gente aproveitou. Por exemplo, a CIDA, que é uma companhia (nota: madeireira) que fundou aí e depois desapareceu. Ela quiz tirá esse povo dessa região. A última vez que nós ficamo na praia foi a CIDA que provocou. (...) aí veio um barco de Imperatriz pra levá nós pra praia. Chegamo lá era tudo mentira (...) eles queriam era que nós corria pra liberá terra e eles tomarem (...) Aqueles que não teve coragem, correu. e perdeu a posse (6).

E os Gaviões partiram para oeste, para o Pará onde terminariam se fixando. Roberto da Matta (Laraia e da Mata, 1978) relata o que considerou a tragédia dos Gaviões, um grupo tribal que "diante de um sistema dominador e mais poderoso - a sociedade nacional brasileira - buscava as brechas por onde pudesse manter-se enquanto sociedade." Baseando-se e completando Curt Nimuendaju, mostra da Matta que o povoamento do vale médio do Tocantins incorporou ou destruiu os grupos indígenas da área. No Tocantins se deu o entrecruzamento de quatro vias de penetração dos pioneiros do século XVIII que vinham de São Luís do Maranhão, através do Mearim e do Itapecuru; do Pará, pelo Tocantins; de Goiás descendo o Tocantins; da Bahia, através do sertão nordestino; e pela franja

pioneira que desce pelo Norte.

A história do Maranhão de 1759 à 1850 é a própria história do desalojamento, escravização ou destruição dos grupos Timbira do interior.

Ao recolher estas entrevistas que se referem a fatos ocorridos em meados da década de 1950 nesses povoados que percorri, percebi duas coisas: primeiro, é que após todos esses anos, a imagem que os habitantes guardam dos indígenas em sua grande maioria, é ambígua. Histórias coletadas em toda a área falam de índios que viram bichos quando velhos se não foram batizados, mas ao mesmo tempo a mãe d'água é linda. Em segundo lugar, é que a mesma postura em relação aos Gaviões - mantendo relações pacíficas para uns e cruéis para outros - foi encontrada por da Matta (op. cit.) na região de Marabá há mais de 20 anos atrás.

Essa ambiguidade encontra-se no próprio nome dado ao grupo tribal pelos brancos, pois como diz o antropólogo, se gavião é uma ave de rapina, uma espécie infra-humana, é também uma ave nobre, evoca coragem, união. Na realidade, enquanto não houve a valorização das terras nas margens do médio Tocantins, os grupos indígenas aí não eram encarados com terror. Quando a castanha se torna produto de exportação, quando a terra passa a ter valor e começa a se tornar rara, os Gaviões surgem como "obstáculos ao progresso e à civilização". Assim, as palavras pacificação, catequização, ou simplesmente extermínio, passaram a se constituir em projetos de ações que moviam as pessoas mais interessadas em estabelecer relações com os índios.

Um antigo posseiro, hoje pequeno sitiante que me havia sido apontado como "matador de índio" por um dos habitantes de um povoado ao se sentir diante de seus pares, incomodado por minhas perguntas sobre o início da ocupação foi incisivo:

"O que se faz com os índios é o que tinha que se feito. Eles andavam sem roupa até dentro do povoado. E depois, nem batizados num eram..." (8)

O fato de não serem "nem batizados" vem reforçar uma diferença marcante entre os posseiros e os índios. Mostra que não participam do mesmo universo cultural, do mesmo espaço de relações e representações. Afinal, se essa população é fortemente mesclada de índio, o batismo cristão funciona como um rito de iniciação à cultura nacional. E é necessário que marquem bem a distinção.

Isso explica porque D. Maria, de um povoado do município de Marabá,

entrevistada por mim quando eu fazia minha tese, disse indignada:

"Nóis trabalhava liberto. Fazia roça onde queria. Aí veio o governo do Pará chamado Barata - já ouviu falá? - pois ele veio e falou que nós era índio, e mandou nós vim pra cá (...)" (9)

Pode-se detectar no discurso de D. Maria dois aspectos que explicam a indignação: um é o fato de serem considerados índios; o outro é que o governo ao denominá-los assim, justifica a expulsão do grupo: índio é para ser expulso.

Mesmo nas lendas que recolhi o preconceito se manifesta de forma cruel:

"Aí achamo na mata os sinais do Capelobo, sabe o que é? É um bichão feio, medonho, todo coberto de pelo. E come gente" (10)

Mas que não se pense por esses exemplos que o preconceito seja apanágio desse campesinato sofrido. Um advogado de uma das unidades do GETAT oriundo e educado no Sul do país, faz apelo a sua cultura adquirida nos filmes de "cow-boy" para afirmar diante de mim e de um pesquisador do Museu Goeldi do Pará: "Falta aqui pra nós, um General Custer"...

Agnes Heller (1972), fazendo uma série de reflexões sobre o preconceito, mostra sua origem na fixidez do pensamento cotidiano (que implica em comportamento), a partir do que assumimos estereótipos, esquemas já elaborados ou estes nos são impingidos.

Não é por acaso que nos povoados mais politizados encontramos camponeses que lideram, de certa forma, o processo de luta, favoráveis aos índios, olhando-os com admiração e respeito e vendo neles um exemplo a ser seguido:

"Eu coloco que os índios estão muito mais bem organizados que nós. Olha já desde minha infância que eu ouvia falar que o índio, quando um branco fazia mal a um, toda aquela tribo procurava localizar onde estivesse, e metia pau nele (...) Matava pra poder sobreviver (...) Porque eu considero muito os índios, eles têm o respeito pela sua raça.(...) Chegaram, companheira, maranhenses e tomaram a terra dos índios. E logo vieram os grãos e tomaram as terras deles. Então, a gente vai na frente, empurrando os índios e eles, os grandes, empurrando a gente. (...) Agora, se existisse uma amizade entre o trabalhador com o índio... Nossa, você já imaginou? Eu queria ver o grande fazendeiro mexer com terra aqui... (11)

Esse camponês que assim se expressa é delegado sindical do Sindicato dos

trabalhadores Rurais de Imperatriz e bastante politizado. Novamente cito Agnes Heller (op.cit.)

"...quanto mais em movimento está uma classe, quanto maiores são suas possibilidades de unia práxis efetiva, tanto menos são preconceitos os seus juízos."

E assim, enfrentando a mata, lutando contra os índios, vindos de longe, sofridas, é que essas populações produziram um novo espaço.

BIBLIOGRAFIA NA ORDEM CITADA

- BARROS, Edelvira Moraes. Eu, Imperatriz. Editada pela Prefeitura Municipal de Imperatriz, 1970.
- MENDES, Cícero. "Memórias Sertanejas". Original datilografados.d.
- DODT, Gustavo. Descrição dos Rios Parnaíba e Gurupi. Ed.Itatiaia, Belo Horizonte, 1981.
- SADER. Regina. Migração c violência na Pré-Amazônia Maranhense. Terra Livre, nº6, 1989
- LARAIA, R. e da MATTA, R. Índios e Castanheiros. Paz e Terra, Rio, 1979.
- SCHAFF, Adam. História c Verdade. Martins Fonstes Ed., 1987.
- HELLER, Agnes. O Quotidiano e a História. Paz c Terra. Rio, 1982.

NOTAS

- (1) até (8) - Entrevistas feitas em Viração e Frades com os habitantes locais.
- (9) e (10) - Entrevistas no povoado do Espírito Santo e Murumuru do município de Marabá.(II) - Entrevista feita cm Cidelândia, município de Imperatriz.

***Regina Sader.** Profa. Dra. do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo- USP

